

FOI POR



POUCO

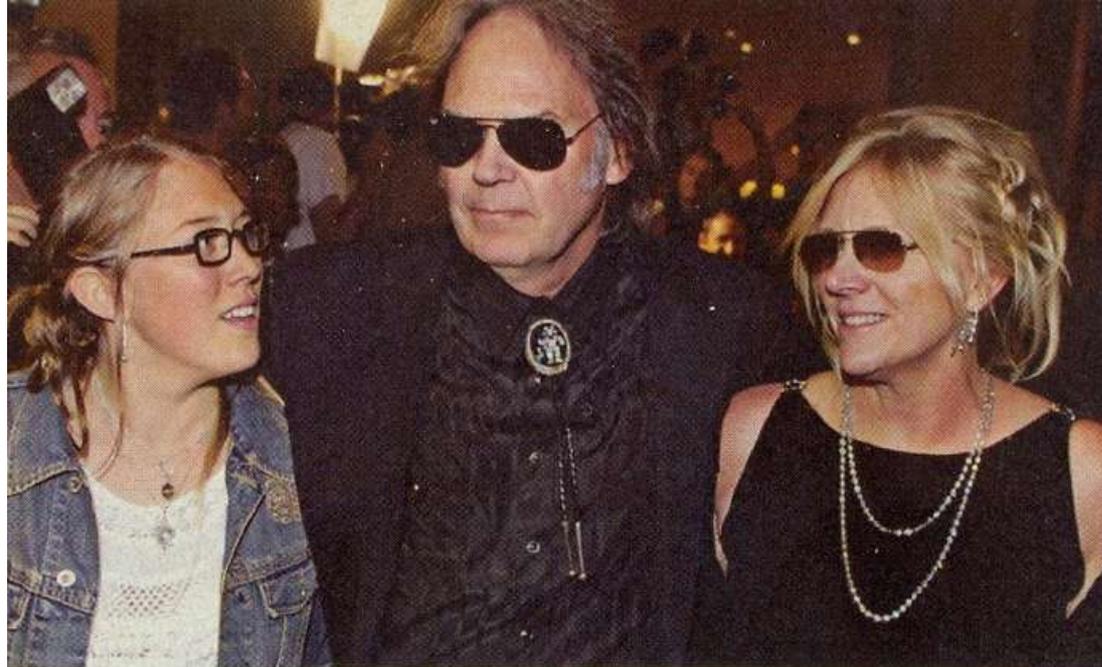
Mesmo com um aneurisma,
Neil Young compõe e prova que
é o herdeiro definitivo do *rock*

POR ALANNA NASH

NOVA YORK, 15 de março de 2005: Neil Young está fazendo a barba no banheiro do quarto de hotel quando percebe algo errado com o olho esquerdo. É estranho, porque o renomado cantor e compositor estava se sentindo muito bem na noite anterior, durante uma animada cerimônia na qual “empossou” o grupo Pretenders no Hall da Fama do Rock. Mas pequenos desenhos – linhas, espirais – flutuam na parte superior do seu olho. Ele pisca. A mesma coisa: linhas, espirais. Segundos depois, percebe que as formas que vê se parecem com cacos de vidro.

“Fechei os olhos; depois abri um olho e o esfreguei, mas aquela coisa permaneceu onde estava”, relembra Young. “Então pensei, *muito bem, não é o meu olho, é o meu cérebro.*”

No início, o músico não ficou muito preocupado. Isso antes de sair do banheiro e avisar a filha Amber, estudante universitária, que talvez precisassem chamar um médico. “Nesse momento, parecia que eu estava em outro planeta”, explica Young.



Neil Young numa premiação, em 2005, pelo conjunto de suas composições: (à esquerda) sua filha Amber, 21 anos, e sua mulher, Pegi.

“Tive de me sentar, porque parecia que o quarto estava se movendo. O lado esquerdo ficava maior, o lado direito, menor, e eu não conseguia enxergar muita coisa.”

O incômodo causado pela visão de formas flutuantes e a sensação de tontura não eram nem a metade do problema. Em menos de duas semanas, Young passou por uma provação emocional, uma cirurgia e complicações com risco de morte. Conhecido por sua voz imponente e canções entoadas por gerações de fãs do *rock*, Neil Young canalizou o medo e a dor para o que sabe fazer melhor: compor. Lançou um novo álbum, indicado ao Grammy, e um documentário que, segundo ele, “vai conduzir você numa jornada sobre si mesmo”.

NAQUELE DIA, o primeiro telefonema foi para o podólogo Rock Positano, em Nova York. Young estivera com ele na véspera e reclamara de dormência nos pés. Positano tinha notado que os tornozelos do cantor estavam inchados, um possível sinal de problemas de pressão arterial. Young

não pensara em se tratar.

Ao saber do problema de visão embaçada, o podólogo pediu que o cantor viesse vê-lo imediatamente. No consultório, seus olhos pareciam bem. Nada de linhas, cacos de vidro ou sala distorcida. Mesmo assim, Positano insistiu para que o paciente fizesse outros exames.

O Dr. Dexter Sun, neurologista, solicitou uma ressonância magnética do cérebro. Quando chegaram os resultados, ele conversou com Young e sua mulher, Pegi, no consultório. “Tudo nas imagens parece bem”, explicou ele naquele tom típico de médico, “exceto uma coisa. Você tem um aneurisma no cérebro.”

O aneurisma de Young não era uma dilatação qualquer, mas uma bolha irregular de oito milímetros de comprimento que se projetava para fora da artéria carótida. Pelas imagens, o Dr. Sun concluiu que o aneurisma já estava ali há algum tempo e precisava ser tratado logo. “Eu não pensei que fosse morrer”, diz Young, “mas, se o aneurisma não for tratado, pode se romper e aí... é o fim.”

Foi nesse momento que Neil Young, o paciente, transformou-se no Neil Young artista. Durante décadas, ele planejara suas canções e gravações em função das fases da lua, e com ou sem aneurisma esse era o momento perfeito para um novo álbum. Young já havia escrito uma canção, *The painter*, e ainda faltavam nove. Em poucos dias, planejou um vôo para Nashville a fim de terminar o projeto. Como o reparo cirúrgico do aneurisma demoraria umas duas semanas, o Dr. Sun aprovou a viagem, desde que Young começasse a tomar a medicação para controlar a pressão

COM TRÊS CANÇÕES GRAVADAS, Young voltou a Nova York para ser examinado pelo cirurgião Y. Pierre Gobin, que repararia o aneurisma introduzindo um cateter por meio da artéria femoral, localizada na parte superior da coxa, passando pelo tórax até chegar à cabeça. O aneurisma seria selado com minúsculas espirais.

A uma semana da operação, o cantor voltou para Nashville, onde escreveu e gravou mais cinco canções. A cirurgia estava cada dia mais próxima – e o medo cada vez maior. “Eu estava apavorado”, diz Young, “achando que nunca mais seria o

“EU ESTAVA MORRENDO DE MEDO DE NÃO SER O MESMO DEPOIS DAQUELA CIRURGIA.”

arterial, de modo a evitar o rompimento do aneurisma.

Em Nashville, Young trabalhou freneticamente. Começou criando canções sobre as forças que o fizeram ser como é hoje: a família, os amigos, a fé e sua infância numa cidadezinha chamada Omemee, no Canadá.

Doces lembranças emanavam dos versos que Young misturava com a inevitabilidade da morte. A canção que dá nome ao disco, *Prairie wind* (Vento do campo), é uma referência ao pai, Scott, que morreu no ano passado. Jornalista desportivo e escritor, vítima de demência durante muitos anos, seu pai, Young diz, agora o visita em sonhos.

mesmo, que a cirurgia pudesse não dar certo – pois Pegi e eu convivemos a vida toda com pessoas com lesão cerebral.”

E era verdade. Zeke Young, agora com trinta e poucos anos, filho do cantor com a falecida atriz Carrie Snodgrass, nasceu com paralisia cerebral (PC). Seis anos depois, Ben, filho de Young com Pegi, também nasceu com uma paralisia cerebral tão grave que o tornou mudo e tetraplégico. A PC não é considerada uma doença genética, e os Youngs acham que foram “escolhidos” por seus filhos.

Isso significa que, por muitos anos, eles se dedicaram a ajudá-los. Pegi foi uma das fundadoras da The Bridge

School, na Califórnia, perto do sítio de 2 mil hectares do casal. O objetivo da escola é permitir que crianças com graves distúrbios físicos e da fala possam interagir e se comunicar, da maneira que puderem. Com muita ou pouca tecnologia, fazendo o que for necessário, a The Bridge ajuda seus alunos a superar obstáculos. “Algumas pessoas confessaram não saberem como se comunicar com alguém que pareça diferente e possa se sentir inalcançável”, comenta Pegi. “E aí nós resolvemos cuidar disso, e é muito gratificante.”

Na véspera da cirurgia, Neil e Pegi reuniram Zeke, Ben e Amber, ga-

Elliot Roberts, empresário de Young, chamou uma ambulância pelo celular. De volta ao hotel e achando que iria desmaiar, Young se deitou no chão para manter a cabeça baixa. Seu corpo tremia, e ele colocou os dedos na abertura na perna para estancar a hemorragia. “Agora sei como as pessoas se sentem quando levam um tiro”, conta ele.

Quando a ambulância chegou, os paramédicos o colocaram na maca. Um deles pediu que Young cruzasse os braços sobre o peito. “Eu não gosto muito dessa posição”, disse ele, brincando. “Nós não vamos perdê-lo”, respondeu o paramédico, mes-

“AGORA SEI COMO AS PESSOAS SE SENTEM AO LEVAR UM TIRO. MEU CORPO TODO TREMIA.”

rantando-lhes que a operação não era tão grave assim e que tudo daria certo. Depois, a sós, o casal teve de tomar importantes decisões acerca do que fazer se nada saísse conforme o planejado.

No fim, tudo deu certo, e Young logo voltou ao hotel em Nova York para se recuperar. Dois dias depois, um restaurante foi seu primeiro destino depois da cirurgia. Quando chegou à metade do quarteirão, começou a ouvir um barulho a cada passo que dava. Ele olhou para baixo e viu a perna encharcada de sangue. O local de entrada para o reparo do aneurisma – a artéria femoral – subitamente reabriu, o que é raro, mas tratável.

mo com a pressão arterial de Young despencando e todos lutando para estabilizá-la.

No hospital NewYork-Presbyterian, um médico da equipe cirúrgica de Young já o aguardava na emergência. Ele também prometeu ao cantor que nada de ruim aconteceria. Mesmo assim, o médico manteve o local da incisão fechado com as próprias mãos por 30 minutos; por fim, a incisão voltou a se fechar sozinha, sem a necessidade de outros procedimentos. Durante todo o processo, Young nunca perdeu a consciência.

Quando finalmente foi levado para o quarto, pediu que alguém do hospital ficasse ao seu lado. “Fiquei

preocupado com o que poderia acontecer em seguida”, explica ele. O hospital enviou uma voluntária, uma senhora que lhe garantiu: “Você esteve muito próximo de partir, mas agora está bem. E vai ficar melhor ainda.” Os dois conversaram sobre religião, e Young lhe contou que sua fé se baseava na natureza, na lua, nas florestas, nas árvores e nos animais. A senhora ouviu-o com atenção, mas lembrou-o principalmente de agradecer “ao Mestre”.

“Ela me acompanhou, como uma guardiã”, lembra Young. A última canção que escreveu para o álbum foi *When God made me* (Quando Deus me criou), cuja melodia faz lembrar um hino do século 17. “Todas essas palavras foram brotando de mim”, explica ele. “E eu pensava: *Nossa, nunca escrevi nada assim antes.*” Só mais tarde Young ficou sabendo que o estúdio de gravação de Nashville já havia sido uma igreja.

Young gostaria de nunca ter tido o aneurisma, é claro, mas admite que o saldo foi positivo. A revista *Time* descreveu *Prairie wind* como “um álbum extremamente pessoal que contém

algumas das melhores músicas de sua lendária carreira”. O disco foi indicado para dois prêmios Grammy: melhor álbum de *rock* e melhor vocal solo de *rock*.

E Jonathan Demme, grande amigo de Young e ganhador do Oscar de melhor diretor, que trabalhou com ele pela primeira vez em *Filadélfia*, filmou em agosto passado dois *shows* de Young no Ryman Auditorium, em Nashville, para um documentário contundente chamado *Neil Young: heart of gold* (Neil Young: coração de ouro), lançado no cinema e em DVD. “Ele é mesmo um mago”, conta Demme. “Penso nele como uma pessoa que responde de maneira criativa e emocional a tudo aquilo com que entra em contato.”

Young sabe que sua imagem é a de alguém ligado ao *rock and roll*, mas espera que o álbum e o filme mostrem um outro lado seu. “Não tem nada a ver com rebeldia, mas com a vida, e não apenas com a minha vida”, ele diz. “Todo mundo tem suas provações; elas nos ensinam alguma coisa e fazem de nós pessoas melhores.”

LATIDO FREUDIANO



maioria deles é proibida de subir no sofá.

O governo americano acaba de aprovar a comercialização de um medicamento, parecido com o Prozac, destinado a cães que sofrem de depressão. Isso é ótimo, porque dificilmente os cachorros poderiam fazer terapia: a

LIN QUINN no Saturday Night Live (NBC)